

Editorial

Catarina Resende Oliveira¹, Manuel Correia²

1-Centro de Neurociências e Biologia Celular, Faculdade de Medicina e CHUC, Universidade de Coimbra.

2-Serviço de Neurologia, Hospital de Santo António, Centro Hospitalar do Porto; Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Universidade do Porto;

O Congresso de Neurologia de 2018 tem como tema de fundo a inteligência artificial e inovação tecnológica. Será lícito interrogarmo-nos sobre o porquê e sobre a oportunidade da escolha de um tema tão próximo da investigação e inovação, talvez um tema do futuro, quando nos debatemos no dia-a-dia com problemas práticos, de difícil solução, que vão desde a gestão à prática clínica, ou seja de índole mais “terrena”.

A importância da investigação em Saúde é reconhecida a nível nacional e internacional como um fator determinante na promoção de uma Saúde de qualidade. Tal está consignado no Plano Nacional de Saúde (PNS) e na sua extensão para 2020, quando diz “O PNS pretende também alinhar as estratégias nacionais, regionais e locais em relação ao desenvolvimento de recursos humanos e formação para a Saúde, investigação e inovação, bem como na definição da estratégia e critérios para atribuição de financiamento a todos os agentes do Sistema de Saúde”. Neste alinhamento estão um conjunto de medidas legislativas que preveem incentivos e reforços orçamentais para os hospitais onde a prática da investigação é uma componente do seu plano de atividades. No entanto, os Hospitais deparam-se com orçamentos espartanos, enquanto um conjunto de desafios impõem a procura de respostas inovadoras, criativas e ágeis. O aumento da longevidade é sem dúvida uma conquista resultante de melhores cuidados em Saúde, mas determina só por si um conjunto de problemas que vão desde o peso socioeconómico das doenças crónicas não transmissíveis, onde as doenças do foro neurológico e psiquiátrico têm um forte contributo, colocando em risco a sustentabilidade do sistema nacional de saúde e o apoio social. A chamada medicina personalizada, ao permitir ajustar as intervenções às características biológicas de cada indivíduo, levará a uma otimização de custos e de resultados, nomeadamente ao desenho de modelos inovadores de ensaios clínicos, dirigidos a nichos cada vez mais definidos de indivíduos com doença ou mesmo em fases pré-clínicas, mas apresentando fatores de risco para a doença. A procura de métodos inovadores de diagnóstico não parará de crescer.

É imperioso que se criem espaços de diálogo multidisciplinar envolvendo os profissionais de saúde e peritos de áreas tão diversas como a matemática, a física, as engenharias, a economia, o direito, a sociologia, entre outras. Espaços abertos à avaliação pela sociedade das atividades desenvolvidas. Esses espaços estão criados em forma de lei na figura do Centro Académico Clínico, que reúne os Hospitais ao saber multifacetado da Universidade. Estará assim criado o ambiente ideal para gerar uma nova cultura, que exigirá um enorme esforço de educação de todos os intervenientes. Este será o ambiente onde se desenvolverá a prática da Medicina de um futuro já próximo, para o qual temos de nos preparar, onde o acesso à era digital e a crescente interação virtual exigirão o esforço de todos nós na preservação da confiança nas instituições, de onde saia reforçada a dimensão humana da Medicina. ■

Correspondência:

Catarina Resende Oliveira
Unidade de Inovação e
Desenvolvimento (UID), CHUC
Centro de Neurociências e
Biologia Celular
Faculdade de Medicina da
Universidade de Coimbra
Rua Larga,
3004-504 Coimbra, Portugal
catarina.n.oliveira@gmail.com

Manuel Correia
Serviço de Neurologia
Hospital de Santo António
Centro Hospitalar do Porto
Largo Professor Abel Salazar
4099-001 Porto, Portugal
mmcorreia@mail.telepac.pt